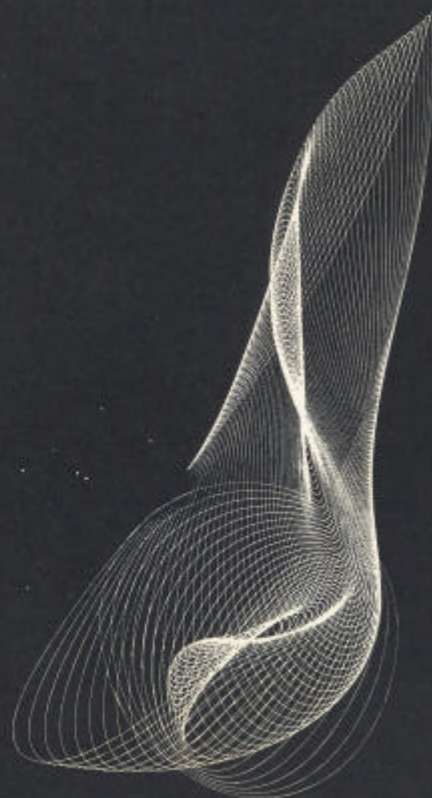


**CRÓNICA
DO QUOTI
DIANO IN
ÚTIL**

j. chystello



**CRÓNICA
DO
QUOTIDIANO
INÚTIL**

Vol. 3 (1973-1981)

489 OS GRANDES ACTOS HERÓICOS

já o disse

e repito

os poetas não têm idade

na descoberta de mundos

mais-que-inventados

medram com a palavra

sempre e só

suicidais experimentações

estéreis agonias

(ah! como eu gostava

de ser poeta

viver outras vidas

utopia).

god's on trip

getting high

god save our *bob hope*¹

¹ droga, 'dope', marijuana mesclada com ópio

474. POESIA REVISITADA**(de novo a ti, daniel filipe)**

ALERTA! a imaginação tomou de assalto o poder !

hoje

virão talvez crianças

descendo as sagradas ruas das máquinas

acompanhando nas avenidas a liberdade por inventar

dando-nos as mãos

os sorrisos

os sonhos

hoje

nas campas rasas

estarão heróis que nunca foram

perguntarão '*Quando seremos ouvidos?*

a nossa carne encheu canhões

no-la recusam agora?'

os mendigos

desempregados

reformados

deficientes das guerras todas

as pegadas finas

prostitutas de rua

chulos

traficantes de ilusões

os ladrões

criminosos

e demais gente ordinária e vulgar

anunciam manif reivindicativa

'a greve será total', dizem

enquanto isso

partidos

militares

sindicatos

demais desorganizações de massas

exigem

do governo

a ordem

a força

a autoridade das armas

a repressão

o estado-de-sítio

a censura

até mesmo a pena de morte

por toda a parte

solidária é a luta dos oprimidos - clama o poeta

única é a voz dos marginais - escreve o louco sensato

nas paredes

nas grades desta prisão

(aqui e além leves escaramuças populares

não há baixas dignas de registo

- asseguram fontes oficiais -

geralmente desinformadas)

a sociedade é um flagelo social do indivíduo

libertemo-nos da grande ameaça - denunciaram os dissidentes

a situação é calma

assegurado o controle total do país

militares, militarizados e milícias privadas em prevenção rigorosa

algures à mesma hora

num público jardim

um casal de amantes

feliz

desocupado

despolitizado

e despreocupado

faz amor

sem carácter de urgência

confundidos por vulgares agitadores da ordem

serão chacinados ao despertar o amanhã

(felizmente havia luar!

comentou lacónico o primeiro ministro

muito dado às lucubrações intelectuais).

441. MARIALVAS SEM CARTILHA (para um diário dos dias por silenciar)

inventario teu corpo vazado

urgente fruí-lo enquanto puro

depois

abandonada

erguerás o apelo

o deve e o haver

o balanço digráfico

desperdício

formas sem uso

comércio

desvalorização

e o investimento do corpo

sem reservas fiscais

sejamos compreensivos

toleremos a depreciação

o stock inútil de teus ossos em saldo

o líquido lucro da virginal lembrança

hipotequemos a mercadoria

vendida

trespassada até à exausção

cumprir-se-à o destino de prazer pago

parca comissão

satisfeita a lúbrica ânsia e a frustração

sem choros nem queixumes

apodrecida e descarnada

venderás luar em teus olhos sem vida

nas esquinas do tempo-gasto
pobre prostituta de tolos e vadios
então o Império
a Grande Indústria
Corpos e Cia. s.a.r.l.
reunirá o conselho de administração
abatida ao património
ossos inúteis
sem ofício nem remorso
ninguém lembrará a força bruta
a tímida escusa
a criança sangrenta e desflorada
que não te deixaram
o lar submisso onde não aprendeste a sonhar
o amor em prestações
na lenta morte o sorriso alvar.

o desdém presidencial
tranquidormentes consciências
proclamações de progresso irrefreado
lucros de sociedades novas
sublimes missões
homens novos
predestinados.

449. EROS nos jardins de leste

os corpos se venderam por dez réis de nada

assim me serviam do que criam inútil

e se davam

fáceis e apáticas

faziam amor como quem respira

isto é

o ritmo cósmico da órbita do poema

descrevia uma sinusóide irregular

e de tanto engravidarem

sentiam na carne

o vício de todas as necessidades

e de tantas fomes acalentarem

o instinto as aguilhoava

nascituras

logo então vitimadas

-EROS senhor e amo nos jardins de leste

pequenas

saracoteantes

delicado delinear de dietas forças

figuras de cabaia e lipa²

dos agrestes picos montesinos

às planuras

frágeis ninfas

² saia de tecido colorido, típica de Timor, de origem malaia, e que é usada enrolada à cintura, descendo até aos tornozelos

“que o sol em nascendo vê primeiro”

diac ca lai? la diac malai³

e a gente compra

Escudo ihra - Né

la cói! ata! lima

cabeça búlac! menina lá diac ... ossam báric

loro mai massimida

os lábios de carmim de viva cal e da *harecan*

haneçam maliri.⁴

³ Em Tétum no original

⁴ Em Tétum no original

452. MEMÓRIAS

ave louca

sinusóide vôo

rias-te

nem sabíamos o quê

de quê

era já o fumo

olhos e mãos

baças mãos

gestos nunca antes inventados

sabíamos do tempo a imponderabilidade

a curva obscena dos corpos

na posse do mundo estávamos e éramos

coloridos e diáfanos

queimávamos identidades

alguém cantarolava palavras

desconexas

inúteis

carícias

premeditadamente esquecidas

ela se levantou

a víamos como se não fosse

isto é

criada no instante mesmo

hesitante

avançava pela janela

ninguém a abria

seria talvez noite
transcendental o país
bebedeiras de amor
roteiros estelares
no suor do regresso
como se nunca partiras
no sorriso distante
nos teus lábios
cresceram da criança os olhos
encheu-se a sala de frágeis gestos
alguém ousara!
na rua um escape no silêncio do grito
a regra é saber que horas são
ou medo
a vertigem
a regra do pavor
o voo de ficar
céleres que nem imagens
falam de nós
no tecto branco ou nu
ou somos
desirmanados no frémito que nos invade
a resposta recusada
texto ou resumo
a vida violada.

459.

(à angie)

nesta calma doentia e resignada
mórbida confirmação de assistir agonias
 estrangulámos sentimentos
impávido e solitário no logro deste fatum
voarei
 desnudo e preclaro
 livre de asas
 aos cumes mais sacrificados
à dor insuportada gritarei
 te amo
 ou a quem
no curso da vida:
 o decurso
 o discurso
 o recurso
 o incurso
 o excurso
anda
 vem
 pela praia perdida
 correr mãos ao vento
 ou o vento das mãos
na areia ainda molhada
 adolescências perdidas
 vens ?

466. CÂNTICO A MARDEJ

o enorme pássaro azul te descreve
em seu reflexo vejo do vôo

o prazer

e vou

imaginar é já esta viagem insuspeitada
asas multiformes

amplos espaços

roteiros de ti

(A LIBERDADE NÃO SE APRENDE

CONQUISTA-SE !)

círculos de luz

na cor

no ciclo irrepitível do tempo

Mardej era o nome

flor apenas

e jovem

alva página esta

página alta

insubmissa

virginal era o silêncio

e se fez bailado

frágil o corpo

e se fez música

revoluteavam línguas

unhas de fogo e fome

migrantes mãos no percurso primeiro

incontidas

hesitantes

exaltantes

era amor

não o sabíamos fugaz.

476 PARTIR

(com a Nô e à Nô Roquette)

partir !

cortar amarras

como se ficar fosse já um naufrágio

ficar

como quem parte nunca

partir

como quem fica

nas asas do tempo

esta a mensagem última

solidão sem nome

o ridículo das palavras nos move

sim ! creio em nós ou talvez não

os filhos farão a história

e será deles

talvez a esqueçam

partir !

cortar grilhetas

como se morrer fosse

levar este desespero

ao limiar de todos os impossíveis

vencer ameias

cortar amarras

velas ao vento

olhar do mundo

os deuses e a carne

crua

impiedosamente
se vive este tempo de incúrias
e me inunda
no passivo desleixo
buscar um ego por medida
erguer a voz
sem medos
rasgar as pedras e o ventre
semear desencanto
esta aridez que me possui
e sorrir
no olhar verde da grande utopia
na espera dos loiros cabelos
na esquina destes corpos entrecruzados
nascer
de novo
uma vez mais
(em vão ?)
acreditar colectivo este inferno
dar o salto
transpor a fronteira
entre o ter e o ser
imaginar
como só os loucos sabem
o desprezo
armar sorrisos
às conveniências

criámos a norma-anti-norma

anti-resposta

anti-vida

como se ser feliz

aceitar os sonhos

e então chegaste

com primaveras nos dedos

loucas promessas insinuavas

despontaste como quem acorda

horizontes perdidos

demos as mãos

sabor de início do mundo

depois nos disseram do ódio

como um aviso

espiavam-nos as sombras

com uma raiva infrene

cuspiam nos olhares que não entendiam

este o lado outro das palavras por dizer.

446. NÚPCIA

(à Evy)

este o roteiro
 nem imaginado
 presentido
 abrimos a paisagem
 devagarosamente
 como se licença houvéramos
 de pedir
 às estrelas do chão
 o brilho pulsar
 deuses de lama
 em ti o corpo madruga
 pérolas negras
 no azeviche dos cabelos
 é teu o sexo
 e o bailado da sua sombra
 desconheço
 longa a noite de mil vigílias
 a palavra denúncia
 o medo superado
 cavas o fosso
 no abismo de teus olhos
 te deitas
 navega o ventre
 no vento
 do tempo insuspeito
 é nosso o fruto

e proibido

mosto sagrado

as colinas e o delta

vénus pitonisa

calcámos minotauros e erguemos jasões

é para quando o sangue desta núpcia ?

ardente sede nos consome.

455. TE**(A TI MESMO)**

caminhas como se asas houvesse

ignoras o pensamento

e te transporta

círculos descreves

negação do ego teu

existes

enquanto contraditórias as razões tuas

delas te evolvas por sobre a turba anónima

em nada crês

e é tua a natura-mãe

motivo

consequência

dos outros

sabes a incoerência ingénua

e o dolo

proclamas o auto-equívoco do elogio

TUA

A VERDADE

só tu conheces

habitas

desprezas

falso o mundo dos olhos

teus

como a estória do que sentes

dos bosques sabes a ramagem

das nuvens os castelos

caminhas

e em ti o equilíbrio é etéreo

ambicionas o mutismo

linguagem universal do devir

crias quotidianas personagens

ancestral a sabedoria que rejeitas

alquimista de impossíveis

de ti

a imagem só tua

no lado outro do espelho

de ti

a fala e o canto

e o mundo que conheceste

inventando.

(ESTE O SOBREHUMANO HINO).

467. BALI**I**

tapem depressa esse sol imenso

apaguem o cinzento em todas as nuvens

consumam o ar respirável e grátis

(se ainda restar)

abatam a machado o castanho

das árvores verdes

drenem rios e mares

se ainda impolutos

nas pradarias plantem de concreto

gaiolas de gente

ocultem céus sob ondas esfumosas e azuláceas

(talvez grisalhas)

embalem-nos com místicas melopeias

estrídulos klaxons e apitos

ultra e infra-sons

metálicos

mecânicos

como o homem

cantem do aço as palavras

de titânio

e do urânio façam diálogos atômicos

(sem esquecer plutônio, árgon e os outros)

escavem galerias subterrâneas

labirínticas

por fim

(se houver quem o faça)

semeiem cabeças de mulher

nos caules peciolados

o *kif*

o *hash*

o *peyote*

viagens de mescalina ao centro do mundo⁵

delirem com wakeman

os cogumelos mágicos

gigantes do riso

sem vontade nem siso

sensações novas por inventariar

seis horas sob chuva cósmica

celeste mergulho de cadentes estrelas

mil sóis

o ritmo primário

a cadência beat

memória ancestral

poesia mística de pedras por decifrar

o vôo atávico

alento último no suor dos corpos

dança da chuva em traje de circunstância

vindos de nem-eu-sei donde

mar-te, talvez

fantasmas antigos

soletram segredos esquecidos

⁵ Rick Wakeman's "Voyage to the centre of the earth"

castelos sem tempo
 alquimias sem espaço
 olhos dilatados nas lonjuras
 lágrimas aceradas
 espadas de gelo
 sem medos
onde o cruzeiro do sul ?
 perguntam duas virgens
 (fiz-me desentendido)
 voguei no vento sobre as areias
 ali mesmo
 caminhámos séculos
 até ao fim das bocas
 esperma salgado
 púbicas efluvescências

II

- Já destruíram a face ao planeta ! - exclamo
 pássaro algum entoou o cântico da meia noite
 é dia
 esquecido de mim
 perdido sem lembranças
 ou nome
 ou nexo
 o sexo viril
 húmido

pendente
 de tuas ancas descarnadas
 vagina sem dono
 no pomo desta maçã
 percorro deltas de fomes infenecidas
 farejo bosques que urbe alguma sepultará
 cerca da fogueira
 teus ossos me ardem
 remoçaste um parto louco
 sedes irreprimidas

III

ANIMALS !

sussurra incrédulo o gordo careca
 agita branco de raiva (ódio?) seu panamá
nasty pigs !
 rosna a dona do pekinois rançoso
 espojavam-se nas rochas
 sem dunas
 vasado o sémen no útero peregrino
 gemia sussugante wonder alice
 nas maravilhas do meu país
 nuas órbitas
 olhos e phallus
 plástico transistor aos sapatos da jovem
 sem pés

vozear rítmico do *kecak*⁶

balinês de nove séculos

woodcarven e *batiks*⁷

bikinis por vender

pele tostada e suja

ávidos de americanos turistas

o pregão infantil

o coloquial regateio do preço

ridiculamente pequeno

dez vezes menor

o exorbitante exagero do trabalho

dez vezes mais gratuito

duas notas de dólar por mil sorrisos

cheias mãos de antiquário

comprador de almas

sem sonhos

IV

longe o surf

o vulcão silente de *kintamani*

corais

tubarões

pesca artesana

a sombra supersónica dos jumbos

⁶Kecak peça do folclore típico balinês (Bali, Indonésia), pronuncia-se ketchak

⁷ woodcarven, arte escultural em madeira talhada e lavrada minuciosamente
batik, tipo de impressão a cores em tecidos, própria de Bali.

milhares flutuantes

vômito infrene de gente

esvaziar o bojo e (re)partir

busca antiga de sentir novo

despir dos hábitos a gravata

férias sem rosto

historietas futuras

tédio adiado

burguês camuflado às flores

camisa, shorts e soquetes

chapéu de palha e sombrinha

óculos fumados e charuto apagado

embuste inexperenciado

o juro da alienação quotidiana

salário vitalício

a casa

a sagrada família

esta a pausa breve

fotos instantâneas a três cores

souvenirs de imitação

bagagens de bugigangas

gorjetas também.

V

no colmo da cabana o fumo denso

balbuciar desculpas

correr nu pelo palmar

beber o coco e o leite

shiskebab de formiga⁸

vegetais

soja

*chilli*⁹

vinho de arroz, *chau ming* e *vantans*¹⁰

ninhos de andorinha

acorda amor !

*buddha sticks*¹¹

ácidos paranóicos

cogumelos azuis

tão só para ti

paola

a chinesa nascida em itália

trincava *bikkies*¹²

marcello dormia com a heroína

bíblico moisés afagava em tróia

helena

jimmi hendrix em intravenosa experience

bev

a ruiva pintava originais de cetim

dick era ainda um *dealer*

foragido mas feliz

⁸ espetadinhas de formiga assadas na brasa.

⁹ especiaria muito picante à base de piri

¹⁰ chau ming, massa alimentar chinesa, mais fina que esparguete van tan, folhados fritos, típicos aperitivos chineses

¹¹ marijuana enrolada em pauzinhos atados e dopada em ópio

¹² diminutivo australiano para biscoitos

cérebros vazios

mas cheios

tão cheios

alheios

conversas jamais acabadas

empolgantes

no limiar infinito do genial

corpos balanceando cadenciados

afagos breves

sôfregos e sensuais

bebedeiras de suor sem calendário

cá fora o bailado sagrado de homens deuses

*o self stabbing dos kris na carne crua*¹³

terrífico ritual sem sangue nem dor

entre o êxtase e o clímax

caiem redondos de morte

actores da vida amadores

sacro licor os eleva de novo

investem frenéticos

descontrolados

oito possantes mãos os sustêm

macabro e belo espectáculo do *barong*¹⁴

iniciática peregrinação

bali - a ilha

banjal tegal-buni o templo

civilização século XI

¹³ Kris - adaga longa e recurvada. self-stabbing - autoflagelação com adaga.

¹⁴ peça do folclore místico de Bali, séc. IX-XII

mescla hindú-nésia

kuta beach a praia

ngaben a cerimónia ao entardecer¹⁵

liberta do corpo a alma

a procissão

as flores

a grande festa da morte

oferendas na torre crematória

barcos cortejam as cinzas na noite

este o paraíso e já perdido

início?

fim ?

viagem louca

a fome gelada de katmandu

o desprezo total em goa

lentos estádios da libertação

ardentes delírios tropicais

desconexa a fluente discursividade

arrastando da febre o esqueleto

comer sem fome

o *gado-gado*¹⁶

shop-suey

*cap cay*¹⁷

¹⁵ cremação

¹⁶ gado-gado, pronunciado gádú-gádú, salada vegetal típica da indonésia

¹⁷ shop suey e cap cay (pron. tchá- tcháí) comida típica chinesa, pequenos aperitivos feitos de legumes e vegetais em fogo forte.

VI

janine a louca se masturba no térreo adobe da prisão

contrabando de narcóticos

denúncia premeditada

despeitado amante javanês

regressará num *bemo*¹⁸

quinze lugares sentados

três os meses em atraso

amigos em trânsito

ávidos dentes nos *perama's cakes*¹⁹

árida sede dos *Pernod's* à *Poppies*²⁰

joe cocker era tema no estrado

a dutch princesa olhava altiva

sotaque rolado

juntos entoamos hinos odiosos

à europa distante

brian parodiava liverpool mineiro

chegando bliss e o seu petiz-lord

(made in *grosvenor* - londres

em *buckingham* um queer

marido e *M.P.* ²¹)

¹⁸ pronunciado bimo, transporte colectivo: pequena carrinha motorizada, com caixa fechada para passageiros, com capacidade de 6 a 15 pessoas, num espaço mais conducente ao transporte de quatro adultos.

¹⁹ bolos de banana típicos do restaurante Perama.

²⁰ Poppies, bar mais conhecido e mais internacional de Kuta Beach, Bali, no início da década de 70. Arrasado em 1980 para dar lugar a mais um complexo turístico.

²¹ queer - homossexual. M.P. membro do parlamento inglês.

vestia 1920's com capeline

abominava libras sem ouro

como quem despreza

katut lembrava o mote

alguns saíam em curta *trip*²²

*"please ! no gettin' loaded on poppies!"*²³

serviam um *meat taco*²⁴

*pineapple sundae*²⁵

sorriam-me *"cum çtáz amigu"*

e mais não sabiam

george encolhia ombros

lembrando a posse

resignada e terna joanne

dezoito apenas

brisbane ²⁶no início

topless e *scarf*²⁷ao vento

rãs coaxavam no lago de nenúfares

ginsberg (alan) incómodo e desconhecido²⁸

barry bongo²⁹ a tiracolo na guitarra

gestos adocicados

²² viagem em jargão de droga

²³ por favor não fiquem *'pedrados'* no poppies.

²⁴ meat taco, enchilada, pão com carne à moda mexicana

²⁵ espécie de gelado ou sorvete de ananás

²⁶ importante urbe na costa nordeste da Austrália, capital do estado da Queenslândia

²⁷ topless - sem a parte superior (top) do biquini. scarf - lenço para o cabelo, cachecol, véu.

²⁸ alan ginsberg, poeta norte americano, controverso e radical, famoso a partir dos anos 50.

²⁹ personagem típica de filmes australianos da década de 70, personalizando um australiano, mediano, e diferente dos restantes, europeizados.

lenço *cache-nez*

kebaya antiga³⁰

púrpura e cetim

barry mckenzie

vinte filmes épicos

dez mil cervejas

uma austrália de compêndio

alice springs e o deserto vermelho³¹

clare declamava shakespeare sem saber

VII

mais tarde houve luar em *legian*

margret falava de sindicalismo *ACTU*³²

petiscando *fried noodles*³³

éramos como jovens e ingênuos

helen ansiava banguete em reforços

vinte quilos de *thai*

bob hope cocada³⁴

todos pintávamos em silêncio

infernos de *dante*

o *allighieri*

³⁰ cabaia típica, originária da Índia

³¹ única cidade do interior desértico da Austrália, no território norte, em pleno grande deserto vermelho.

³² a central sindical australiana, Australian Confederation of Trade Unions

³³ massa alimentar chinesa, tipo esparguete que pode ser liso e chato ou muito fino, e servido em tipo sopa com vegetais, carne ou mariscos ou como prato principal acompanhado por vegetais, mariscos ou carnes

³⁴ *thai*, *bob hope*, *dope* - droga, *marijuana* da Tailândia enriquecida com coca, ou mesclada com ópio

viver num *losmen*³⁵ é regressar

à amizade original

ao sabor de início de mundo.

VIII

noutra qualquer manhã

domingo

*javanese dudes*³⁶ excursionavam

pele alvar

kamera ao peito

flashes ao pôr do sol

como japoneses que não eram

anette a vegetariana

fugia da praia

imaginando-me russo branco

num curto intervalo de calendários

amor com carácter de despedida

ao canto chorava um xilo(bambú)fone

uncle sam perdia ao xadrez

desatento espreitava-nos.

IX

³⁵ *losmen*, casa comunitária: espaço habitacional aberto onde residiam os turistas mais económicos em bali, na década de 70

³⁶ *salaios* da ilha de java.

quando as chuvas voltaram

fomos a *bangli*

no sopé do vulcão

o lago e a negra lava

fazia frio

disfarçados de turistas

ma non troppo

ouvíamos um *classical*³⁷ tão americano

arengava anti-comunismo³⁸

anti-isto

anti-aquilo

(não mais me falaria

odiava desertores

antes isso!)

lascivo

comia os cabelos encarnados

do último tango em paris³⁹

zanguei natalie f.

um nome francês e sardas verdes

xaile nos ombros nus

unhas lilás e preto

e branco e azul ou

saudades de torremolinos

³⁷ típico, no pior sentido.

³⁸ a norte-americana e sul-vietnamita saigão cairia em 1975 nas mãos dos vietcongues, e estava assediada naquela época da guerra

³⁹ alusão sexual ao filme de marlon brando e maria schneider “o último tango”

olé!

julie

hospedeira pan-am

fornicava no lençol de flanela

intenso aroma evolava do *chilum*⁴⁰

um casal de múmias ocidentais regateava estatuetas falsas

clapton matava o sheriff⁴¹

na esquina em frente um teatro de sombras

big fatty mardej mercadejava *sarongs*⁴²

a pequena dayú comia *babi kecap*⁴³ em molho doce

karen acenava um adeus

até à coroação no nepal⁴⁴

(e do futuro

uma voz gritava

era assim naquele tempo)

amarelecido retrato tombou a meus pés

incomodado levantei-me

e saí.

⁴⁰ cachimbo cónico para fumar marijuana

⁴¹ Eric Clapton "I shot the sheriff" LP 461 Ocean Boulevard

⁴² vestido típico, tipo saia indiano e balinês

⁴³ pronunciado bábi ketchup carne de porco frita

⁴⁴ 11 fevereiro 1975, coroação milenária do rei do nepal

469.1 LE POISON D'AVRIL

(hoje, todos os jornais cumpriram

nem uma só mentira se imprimiu

era a verdade toda

a do sonho não vivido

talvez possível

em letras garrafais

- HOJE DIA NACIONAL DE ENGANOS É LÍCITO DIZER A VERDADE -

proclamava o editorial)

a duas colunas no canto esquerdo

a páginas quinze

era minha a foto e o nome

nem me impressionou !

ri mesmo com desprendimento

negra cruz encimava frontispício

dizeres os do costume

a missa presente no corpo do finado

hora a habitual

na residência

o féretro saíria para jazigo familiar

lembram-se de cada !

(claro que me importei quando o padre disse

que **ELE** me chamara à sua presença)

todos compungidos

choravam rezas e eulogias

vestiam negro

excepto as flores

e as palavras vazias

adivinei um sorriso dissimulado

nos lábios da viúva

andei por aqui e ali

ouvindo este e aquele

pediam à minha alma

que os libertasse

queriam alívio

disfarcei-me por entre sombrias colunatas

e fugi

(ainda hoje me procuram !)

469.II DIA DE ENGANOS

nesse dia acordou irritado

logo por azar estremunhado

notaria a seu lado

a mulher

morta há dez anos

os ossos espalhados pela cama

pressupunham aqui e além um certo descuido

mas que diabo !

voltou-se para a janela

tentando adormecer uma vez mais

invariavelmente o fazia em dias como aquele

foi então

atiraram a bola à vidraça

o quarto ficou estrelado

mil sóis recortavam-se no ladrilhado

esforçou-se por manter a calma

ocultou a face no travesseiro

agarrou a almofada

freneticamente

num esgar sensual

ao longe tiniam campainhas

não havia dúvidas

iria ser um dia mau

decidiu-se a folhear o matutino

recusou-se a acreditar

limpou os óculos

estava lá

sem engano possível

em título de caixa alta

em editoriais se consagrava

o sonho supremo da humanidade

por decreto presidencial

dum senhor que ninguém elegera

ia ser promulgada e publicada

no diário da governação

com força institucional

A DEMOCRACIA

em termos mui solenes

o governo advertia

dentro de 24 horas

em cerimónia apropriada

nascia a democracia

e zás ! nem quis ligar a televisão

quieto e calado tresleu

era demais !

violento choque !

democraticamente

sem se dar conta

caiu para o lado com um baque surdo

morreu na cama

e em jejum

democrata de nascença.

432. EURASIAMENTE À VOL DE 747b**I. DA EUROPA AO ORIENTE-DO-MEIO**

alando de paris logo passamos o azur da côte

sem escândalos nem coroas arruinadas

escarpas e praias despidas de homem

nove mil metros restituem à natura

impolutas ficções

(depois, o mediterrâneo é um lago semeado de grécias

logo a seguir à itálica bota

corfu vigia em tons de ocre

em tempos creta foi nome de ilha

na mitologia de zeus).

da turca ankara sobrevoámos izmir

mandam-nos regressar

estamos no oriente-do-meio

a guerra volta dentro de dez dias

e só dura seis

telavive é um amontoar branco de colinas

um algarve deslocado

na planície árida velhos aero-despojos

entram comandos auto-metralhadorizados

importunam

espiam

revistam

obrigados e silentes

somos a abrasadora quietude do jumbo

partiremos

sempre mais tarde que previsto

no deserto amarelecido qual alentejo

repousam monstros de muitas lutas

nos *kibbutz* labutam formigantes sionistas

- este povo traz consigo o estigma

da aniquilação

própria e alheia

cheira a morte. -

cheiram a morte !

II. A TERRA DOS PERSAS

embaixo sorriem sombras

minúsculos pontos rasgando a treva

quilómetros de fantasmas ancestrais

casas talvez brancas

bairros de adobe

avenidas ocidentais

mesquitas

na poeira do cansaço

um nome semi-mágico

teerão

a história do xá

um povo sem voz

à espera

o silêncio compungido do imperialismo

aterrámos lado a lado com estrelas ianques

estranho porto no coração do petróleo

persépolis foi há 2500 anos

o mito de alexandre

hoje.

III INDIANA UNIÃO

a meu lado um saxónico cacareja

o nojo imenso da miséria

suja imundície

estamos em delhi, a nova

capital das castas

ghandi morreu há muito e era mahtma

indira é mulher e déspota ao que dizem

país estranho de contrastes e civilizações

dele guardo esconsas imagens

fome e pobreza

estamos no subcontinente da morte lenta

aliviado respiro

ao deixar o hindustão

IV. NO REINO DO SIÃO

é já dia

os arrozais me espreitam

verde o país

castanho é banguete

em plena pista búfalos pachorrentos

a banhos de lama

camponeses debruçados

nos pântanos colhem o arroz

pequenas árvores dividem o asfalto

chove lá fora

sob 42° C de sol

lufadas de calor húmido nos penetram

densa respiração no ar por condicionar

lentas formalidades num inglês arrevesado

a vida possui aqui uma lenta ritmia

todo o tempo nos espera

nas auto-estradas camionetas com jovens

patrulhas militares

todos os veículos se cruzam dos lados todos

coloridos templos incrustados de pedrarias

ouro maciço de budas

descalços com cintos sagrados

nos embasbacámos

este o país do mistério

igrejas e fortes portugueses

memórias de tratados reais siameses e lusitanos

o mercado flutuante é uma cidade imensa

longos canais pútridos nesta veneza oriental

sente-se o aroma do dólar nas ruas

por entre golpes de estado adiados

a cem quilómetros se combate

é o apelo do futuro

os thais são simpáticos e ardilosos

milhares de anos de sabedoria a explorarem europeus

os preços função da nacionalidade

no faustoso erawan hotel

o luxo grandiloquente oriental

a sofisticada comodidade do ocidente

uma volta rápida pela cidade dos mil-e-um-templos

para lá das faces mudas

se encerra

o mistério

o convite

voltarei um dia.

V. TIMOR

timor cresceu cercado

lendas que a distância empolgou

o sonho

a quietude

as 1001 noites do oriente exótico

o sortilégio dos trópicos

para o europeu

chegar era já desilusão

desprevenido

sobrevoa estéril ilha

montes e pedras

agreste paisagem sulcada

leitos secos

abruptas escarpas

terra sem marca de homem

esparsas cabanas de colmo

será isto timor ?

o avião desce o vazio em círculos

em vão os olhos buscam a pista

por trás de um montículo imprevisto

se vislumbra o “T”

e a torre de controle dos folhetos de propaganda

nunca existiu

a alfândega é o bar

a sala de espera

sob o zinco e o colmo

isto é baucau

aeroporto internacional

a vila salazar dos compêndios

que a história esqueceu

uma turba estranha se amontoa

à chegada do *cacatua-bote*⁴⁵

o *patas-de-aço*

⁴⁵ *cacatua-bote* ou *patas-de-aço* eram designações dadas pelos timorenses aos aviões

esta a cerimónia sagrada do deus estrangeiro

descendo dos céus

dia de festa para os trajes multicoloridos

o contraste do castanho de sóis pigmentados

cinco da matina

e é já o pó e o calor

o espanto mudo nas bocas incrédulas

as formalidades aqui com sabor novo

espera lenta e compassada

séculos de futuro por viver

antes que ele venha

antes não venha

num barracão zincado uma velha bedford

de carga com caixa fechada

vidros de plástico sob o toldo puído

pomposo dístico colonial

carreira pública baucau-dili

picada em terreno plano

mar ao fundo

baucau

cidade menina por entre palmares

densa vegetação tropical

connosco se cruzam estranhos homens de *lipa*⁴⁶

galo de combate ao colo

entre torsos e braços nus

das ruínas do mercado se evocam

⁴⁶ lipa, saia de tecido colorido, típica, de origem malaia, os timorenses usam-na enrolada à cintura descendo até aos tornozelos.

desconhecidos templos romanos
 estrada n.º 1 até dili
 sulcam-se abruptas as encostas
 ao mar sobranceiras
 ali se adivinham cristais multicolores
 em lugar de pontes se atravessam ribeiras
 enormes
 leitos secos
 o tempo as converteu em estradas de ocasião
 pedregoso solo
 cores indefinidas
 castanhos e verdes
*palapas*⁴⁷ dissimuladas na paisagem
 imagens tristes de pedras e montes
 baías primitivas
 inconquistas
 praias de despojos e conchas
 paraísos insuspeitos
 as gentes de sorrisos vermelhos
 assusto-me
 não é sangue nas bocas gengivadas
 masca, mescla de cal viva e *harecan*⁴⁸
 placebo psicológico da alimentação que falta
 um sorriso encarnado esconde a fome
 súbito
 por paisagens que só a memória

⁴⁷ casas cónicas, quadradas ou rectangulares em colmo

⁴⁸ folha de planta semelhante à do tabaco

sem palavras descreverá

eis dili

a capital

larguíssima avenida semeando o pó nas palapas

casas de pedra com telhados de zinco

na ponta leste chinas e timores

partilham a promiscuidade da pobreza

dili

plana e longa

a vasta baía antevendo imponente

o ataúro ilha

um porto incipiente

a marginal desagua no farol

construções coloniais pós 1945

da guerra que ninguém quis

dos mortos que os japoneses quiseram

da neutralidade do país mãe calado e violado

albergam chefes de serviço

altas patentes militares

sem guerras para lutar

sem movimentos libertadores das gentes

quinze quilómetros de asfalto

três casas dantes da guerra grande

aeródromo em terra batida

um jipe de afugenta búfalo

a rua comercial atravessa dili senhora

de leste a oeste
 espinha dorsal
 o centro
 o palácio das repartições
 do governo
 perto um museu
 o seu nome ostenta o vazio
 riquezas sem fim
 seus governadores exportaram
 patriotas
 colonizadores de séculos com nada para mostrar
 um museu morto
 dois sinaleiros nas horas de ponta
 ociosos às portas dos cafés
 à noite transfiguram-se
 os *bas-fond*
 o texas bar
 da prostituição às *slot machines*
 o submundo
 a vida underground
 afogar esperanças em álcool
 sonhos há muito perdidos nunca sonhados
 restaurantes poucos
 melhor comida a chinesa
 bares espalhados pela cidade
 militares e álcool para calar distâncias
 um portugal dos pequeninos
 longínquo

cada vez mais

esquecido

nunca

perdido.

1973 numa cidade sem vida

morrendo nas cinzas próprias de cada noite

por entre o silêncio e a voz triste dos *tokés*⁴⁹

o calor putrefacto

por entre o vôo alado das baratas gigantes

carros poucos

de dia só do estado

motocicletas pululam por entre viaturas oficialmente pretas e verdes

esperando mulheres de oficiais

às portas dos cabeleireiros

do liceu

militares a pé

em berliets ou unimogs

chineses muitos

dili é isto

a desolação

na parte alta da cidade o complexo militar

barracas insalubres

sob a sombra dos hospitais

um civil um militar

⁴⁹ espécie de lagarto sonoro, cuja idade se determinava pelo número de vezes que emitia o som *toké*.

fresco e verdejante vale

triste esta cidade

pretensamente euro-africana

palapas marginando ruas

nelas vive o timor

sem água nem luz

dez ou quinze filhos

que importa

a miséria é só uma e a mesma ?

esta *“a terra que o sol em nascendo vê primeiro”*

aqui as imagens

e são já história

não se repetirão

aqui não daremos testemunho

como transfigurar

colónias pacíficas

em palcos de guerra.

433 I BUCÓLICA BOBONARIANA-I

a colina à esquerda ergue-se mansamente

sem pressas

caminha do mar

reproduz-se altiva

pico agreste me vigia

não há vegetação

nem sinais de gente

(terá emigrado daqui a seiva ?)

as rochas puras ainda

primitivas

nascituras

erguidas por ciclópicas mãos

do fundo dos mares

quedaram-se ostensivas

desafio de nuvens eternas

arbustos pequenos

insignificantes como as gentes

misturados na paisagem

espraia-se na vastidão o olhar

(começa em mim)

e só montes

pedras

horizonte

e eu aqui fechado

cercado

ilha de mim próprio

o vale profundo

(talvez abismo, talvez acusação)

resisto

diviso emaranhado das brumas

ciscos amarelos

(segredam-me *são casas de gente*)

ENTÃO PARTO.

sem hesitar cavalgo

pedras

ribeiros

encostas

subo

desço

torno a subir e nada destrinço

insensível à rude beleza

atinjo inóspito cume

estranhamente plano

nele plantaram casas

cinco

seis

uma ao centro

*lúlic*⁵⁰ dizem-me

baixo-me e entro

tecto erguido a pique

muro de pedra a tocar baixo sobrado

⁵⁰ *lúlic* significa sagrado em tétum

térreo madeirame trabalhado segue as vigas

quadros sacros

sol

elementos

animais

no andar elevadiço

um lar entesourado em morada última

assusto-me

em volta ósseas relíquias

cheiro imenso a fumigação

saio

respiro ar puro

sacrossanto

das montanhas cercanias

uma laje quadrada

uma placa erecta

tipo tumular

flores murchas e perdidas

casas sem muros

no andar térreo

animais se abrigam

por cima pessoas se alojam

deitadas

a nascer

a cozinhar

a comer

a dormir

a morrer

quando as chuvas tombam

e o colmo amolece

quando o sopro do vento vem

rasgando a mirrada pele

quando *maromá*⁵¹ se zanga

nascem surdos lamentos

ninguém ouvirá.

olhei

vi gente

acocorada

semi-despida

esquelética

nuas crianças

algumas do colo a mim chegaram

sorrindo orgulhosas da sua alva pele

pedindo as fotografasse

tartamudeavam *malai*⁵² como quem se afirma

compreendi esse estranho orgulho

ilegítimo

mulheres se alugam para não perecerem

da fome vil

⁵¹ o equivalente a deus em língua tétum

⁵² designação dada aos brancos pelos timorenses

quando novas servem de pasto

a abutres forasteiros

depois

escavacadas

descarnadas

desdentadas

mascando infindáveis sementes

esboçam sorrisos

para a objectiva acusadora e cúmplice

não mais suportei este dantesco inferno

saí

acenei

voltei as costas

voltei ao exílio

- ENOJADO - .

450. O TECTO DO MUNDO

como romper as palavras ?

o som e o lamento do ai-tassi

sagrado lenho

em ti se moldaram

faces e rugas milenárias

caminhos de tecto do mundo

nas mãos vazias viaja o passaporte

para que não sucumbas hoje

há muitas mortes nos amanhãs

teus pés ligeiros voam vinte quilómetros

o cacho solitário que colheste

bananas com que não matas as fomes

enganas *malai* com parco lucro

escudo *lima*⁵³

e teu rosto infantil e puro

sorria

vendeste a sobrevivência duma semana

caminhas curvado e galgas montanhas

teus os reinos de Railaco e TataMaiLau⁵⁴

por isso retornas e teu sorriso é jovem

na cal e harecan misturas o prazer e o engano

também teu estômago sorri confiante

também tua a linguagem do corpo

no regresso de braços dolentes

firme em teu braço direito

⁵³ o equivalente a cinco escudos em moeda de timor

⁵⁴ picos mais altos de timor, rondando os 3 mil metros de altitude

o teu combate de penas
 pobre mercador de ilusões em galos de luta
 acaricias teu ganha-pão
 teu desporto
 e apostas
 mais
 sempre mais
 são tuas as lágrimas
 a revolta e a derrota
 é teu o sangue e o alimentaste
 guardas o estilete acerado
 não decepou medos
 são tuas as planícies e as ribeiras
 as torrentes inundaram o arrozal
 levaram pontes e caminhos
 e tu ris do grande engenheiro *malai*
 como do búfalo do china luís
 navegando rumo à liberdade
 nem pensas na tua
 das árvores pendem camarões doces do rio
 e o pequeno jacaré
 faz o cruzeiro oceânico Ribeira de Seiçal-Dili
*maromác*⁵⁵ sabe
*maubere é diac*⁵⁶ e vai passar
 esse o lado outro do abismo.

⁵⁵ maromác o equivalente a deus em língua tétum

⁵⁶ maubere é diac, o timorense é bom, coisa boa

434. A LEPRA

eu vi-os

de olhar gasto e gestos caídos

vinham com neves eternas nos cabelos

enxada às costas

vergados ao peso de séculos

maltrapilhos

descalços

rotos

bronzeados por sóis perdidos

na memória dos tempos

uma grande fome para contar

e o silêncio sem fim

de todas as solidões

falei-lhes

acenaram sem se deterem

cadência de autómatos

sem vontade

explicaram por gestos

o que presumi sorriso

onde só havia gengivas descarnadas

informes

perguntei

donde vinham

de que estranha guerra

sobreviviam

sem abrandarem a insólita marcha

puxaram da bia sem idade

acenderam-na na concha dos dedos recurvos

suspiraram

fundo

como jamais ouvira

era um sopro indefinido

murmurado

amargo

entretanto havíamos chegado

povoado estranho

sem gente

nem cães

ladrando em redor

casas estranhas

elevações de colmos

suspensas de estacas

mudas

sem janelas

nem portas

um silêncio velho de morte

deixar a alma

deste ritmo

parar

deixar o instante

deste tempo

renascer

eterno

esta a proposta

inicial

iniciática

até lá, como ?

475. NASCEM OS DIAS

suburbanamente vives

renasces quotidianamente

no sol que te alimenta

te transporta

hábitos comprimidos no sono

cheiras a cama

correndo te perdes

te cansas

nascem os dias na cidade

em cada rua

esquina

no matraquear lento dos minutos

nos acotovelámos vorazes

por entre a sandes e o copo de leite

a grande corrida no relógio das veias

e já somos o rebanho

e o cansaço

triturados no suor do trabalho

na lufa do jantar

um marido às prestações

os filhos endormentes

a televisão deserta

o sono

cansados os corpos

desconhecidos repousam

até um dia

amor
e chamar-se-à liberdade
nos dormitórios da cidade
o silêncio nos embala
sem voz que se erga
nos sonhos
que nos proíbem
sem que a desfraldemos
no edifício dos corpos
a alegria das bandeiras

neste país dos cravos

as lágrimas vermelhas do seu sangue.

433.II BUCÓLICA BOBONARIANA

(permaneci calado

traído por pensamentos galopantes

onde as mulheres

cadê as crianças ?

que gente esta

donde vem ?

que peso arrastam

penosa

mecanicamente ?)

ao longe divisei um ancião

vergado como uma aduela

corri para ele

inspirou-me medo

fez um gesto vago

um arremedo

a suster-me

estaquei a distância

nem um pássaro riscava a muda quietude do céu

tremi

como se de súbito

me penetrassem

as respostas todas

virei costas

e corri

corri

corri

e aqui estou

hoje

a dar-vos conta

do que vi.

485. E A VIDA CONTINUA

oito longos meses

e a vida continua

não é padre videira pires ?⁵⁷

e a guerra

dia-a-dia

quem contabiliza

no deve e no haver

desta falência

que somos

que fazemos

que sabemos

reinvestimos erros

na voz da experiência alheia

cobramos juros da própria inépcia

repetimos o ciclo vital

como salmões ou trutas

porque não como golfinhos amestrados ?

desovamos onde nascemos

estrénuo lufa

foz arriba

isolados

humilhados

da humana condição celebrámos

cultos animistas

profanos rituais

⁵⁷ alusão ao título de um programa religioso na RTP, nos anos 70

altares de fúteis memórias

holocaustos

ingénuos

pueris.

(e claro, tudisto em nome dos sacros deveres e normas

nesta macau anno domini 1977

do santo nome, de deus, cidade

preenchem-se os hiatos

parcos acepipes para as piranhas locais

avidez mórbida

jovens e vidas ceifadas).

sonhos

quimeras

utopias

mera trampa.

486. TAI PAN

raiam auroras

na cabeça-de-jade-do-dragão

e o enorme olho de fogo vomita sua fúria

nos mares se aprestam

as lorchas sem porto de abrigo

TAI PAN senhor das gentes

bramava imprecando

e nós assistindo.

484. TUFÃO

vês tu

angie dear

é um tufão

e se aproxima

o mundo acontece sempre lá fora

as revoluções dão-se apenas

em cada um

de nós.

488. A GRANDE MURALHA DA CHINA

caiu um governo

no meu velho país

não caiu da cadeira

nem de podre

sem sangue

nem golpes

nem revoluções

CAIU DE POBRE

lá dizia Eça e gloso

isto de ser democrata

não paga rendas

nem dízimos

e aqui neste sagrado nome

da cidade

de deus

a mesma paz putrefacta

a corrupção-dos-dias-por-haver

o silêncio-das-vozes-por acordar

esta também

a grande muralha da china

e é um mito.

451.PORQUE JOVENS

eram jovens

por isso partiam

nas mãos os cravos

nos lábios mil sangues

por florescer

os corpos amadureciam quando matavam

pilhavam

violavam

era o fogo das balas

as granadas

o napalm

a carne para canhões

porque jovens

cantavam impolutos

e as mãos decepavam

a saudade desilusionada

irmãos todos

fratricidas

o papão fantoche do governo

lhes ensinara o decálogo de guerra

indesejada

porque jovens

partiam obrigados

nos sonhos

armada a verdade
vulcões por semear
 sangrando campos
 estiolavam
eram os braços emigrados
 era a fome
eram soldados
 era o povo
porque soldados e povo
 partiam
levavam ódios insentidos
cumpriam destinos alheados
nos lábios as palavras
 e eram amor
o alfabeto dos oprimidos
 para uso interior
 lá onde os regulamentos não mandam
pelo caminho
 eram a voz e a bandeira
o povo sorria às armas
libertado caminhava
 no braço armado do povo.

440. POEMATO

sequestrados deste mundo

outro

sálvagos no templo multiforme

alheados da fome

sobreviviam

esquálidos sorrisos

no nexo dos dias

sem amarras de espuma

na história-breve

inventaram o vôo sem esperma

na essência do grito

- ANDAM FAUNOS NO JARDIM DO POEMATO -

este o momento

poema

acto

nós o percorremos

volantes muros

na casa do meio

o corpo e o delta

no centro da imagem

o triângulo aquoso

ancoradouro de todas as sedes

em ti desagua

ventre

o vento

jactos insatisfeitos de searas

ceifas do púbis a fome

em ti germinada.

443. POST SCRIPTUM**(a andré breton)**

como num mundo

outro

em mim

aguda memória

inenarrável

caminho no fogo das mãos

é nossa a estrada

alheios

os calendários o negam

no vento da derradeira galáxia

nascitura terra

fálica linguagem

precipitamos cegueiras

violento abismo

- momento zero na viagem do corpo-

fomos a lava e o magma

ébrios

exaustos

incendiário baptismo bíblico

construímos a casa e as areias

nove

para ti

eram os meses infenecidos

hoje

palavras intimidadas

seminolentes
cerne de alquimias
para quê crer
utopias suicidas
o país o decepam
apáticos
direi mesmo
apátridas
resignados
assistimos
gerámos a hidra
agnósticos
incrêus
expectamos
das cinzas
das ruínas
obnubliadas memórias
aqui começa
a medieval noite
silêncio de vivos com morte nos olhos.

489. OS GRANDES ACTOS HERÓICOS

viva

a compostura beatífica

nossos semoventes cadáveres

diariamente

face-a-face

no espelho do alter-ego

e somos

fazemos

dizemos

NÃO!

a grande farsa

o hábito antigo

iludimo-nos em sonhos já usados

pelas ruas

cafés

casas

nos passeamos

até na cama

como se fôssemos

outros

tristes robots de nós mesmos

articulamos a coragem

para dizer basta

para despir a máscara
como quem expõe
a nudez da cobardia

ESTES OS GRANDES ACTOS HERÓICOS

atirar a canga da mentira
dilacerar a putrefacção do fingimento
mórbida estupefacção
e já viver
é uma sentença
conspiratória
compulsiva
inocentes ambiciosos
liberdades inconquistas
prisioneiros da fome
de ocultar misérias
em gestos lentos
premeditados
socámos o espelho
da nossa imagem
outra.

456. CARTA A UM HOMEM SÓ

nasce

nem se sabe donde

coleante

se forma

se insinua

impotentes

desmascarámos

a voraz hidra

renegada senhora de nós

dos dias

se rói a memória

malsã mentira

a sabemos

tácito enleio

também tu

chegas

teu sorriso-menino

acaricias o hábito

silente cúmplice

palavras haverão

nunca vencidas

é profundo este fosso

mudo

fugaz e única

esta vida

póstuma

a alegria

perenes

inclementes

dúvidas

(lembras-te, meu amor?)

(amas-me, meu amor ?

responde-me

mente-me)

respostas preconcebidas

vagas

inconsequentes

inapercebido o salto

o vazio

o abismo

lembranças com sabor a pesadelo

jogos do antigamente

o melhor é continuar

fingindo

desespero

suspeitas vãs

o despertar tardio

jamais será mágico

acabrunhados

repetimos o logro

irreconhecido.

457. OCIOSIDADE

viver é já demasiado

dispendioso

inútil quotidiano

sem palavras

nem actos

viver esqueletos

memórias carunchosas

perdida a grande corrida

por todas as vezes

encontrados fomos

perdidos somos

viver é este hábito

ocioso

mil silêncios nos unem

são talvez definitivos

vazia a grande casa

do espírito

o corpo oco

soergue-se e cai

trinta e um os medos

longas as vigílias

mil vidas se esvaíram

é já inverno dentro dos sonhos

castelos desfeitos

abandonámos

porquê, para quê, meu amor?

495 COLONOS DO MITO

vinham de longe

do desespero

acalentavam a esperança

incrédulos chegaram

temerosos

altivos cresciam

com o tempo

impantes já e esquecidos

mas conquistadores

donos deste e do mundo outro

intolerantes viviam

ambiciosos se tornaram

ano após ano

se compravam

se vendiam

eles

os grandes colonos do mito

à boca de cena nasciam

e era normal

vinham em bandos

como pragas que eram

sugavam e partiam.

451.II DEDICATÓRIA

a meus pais de quem nasci

à mulher-mais-que-inventada

aos amigos

sobrevivos e poucos

aos bastardos

inúmeros e inominados

e aos outros

companheiros últimos

desta viagem

ao país emigrado

ao povo ignoto

e só

às estórias-da-história-por-escrever

lego as palavras

primeiro exiladas

inconquistas cidadelas do sonho

das utopias

o poemarma vem

e grita

renúncia

zenital voz

incestuosa geometria

do corpo

da raiz do tempo

da vala-comum

o vôo supremo

o alento
e a revolta

ESTA UMA LEITURA LIBERTANTE.

honorada gratidão
aos que me lerem
construtores de fogueiras
perenes habitantes
deste deserto com vozes

a amizade e o verbo
e o livro
se fez casa
à boca-de-cena o ponto vos cita
actores multiformes desta farsa
quotidiáfana

juntos escalámos
estradas de asas insuspeitas.

- 489 OS GRANDES ACTOS HERÓICOS Timor, Abril,1,1975; Macau, Dezembro, 18, 1977, Macau, Março,5,1981
- 474 POESIA REVISITADA Porto, Maio, 16, 1976
- 441 MARIALVAS SEM CARTILHA Dili, Timor, Abril, 21, 1974
- 449.EROS NOS JARDINS DE LESTE Dili, Timor, Novembro, 25, 1974
- 452 MEMÓRIAS Dili, Timor, Abril, 13, 1975
- 459 (à angie) Porto, Novembro, 8, 1975
- 466.CÂNTICO A MARDEJ Porto, Janeiro, 11, 1976
- 476/7 (à nô roquette) S. Martinho do Porto, Setembro, 5, 1976
- 446 (à evy) Dili, Timor, Novembro, 18, 1974
- 455 TE S. Martinho do Porto, Setembro, 23, 1975
- 467.BALI (capítulos I a IX) Bali, Timor, Macau, Austrália, Novº74-Janº85
- 469.I.-LE POISOND'AVRIL Porto, Abril, 1, 1976
- 469.II.-DIA DE ENGANOS Porto, Abril, 1, 1976
431. EURASIAMENTE À VOL DE 737b
- I.DA EUROPA AO ORIENTE-DO-MEIO Telavive, Israel, Setembro, 19, 1973
- II.A TERRA DOS PERSAS Teerão, Irão, Setembro, 19, 1973
- III.INDIANA UNIÃO Nova Delhi, Índia, Setembro, 19, 1973
- IV NO REINO DO SIÃO Bangucoque, Tailândia, Setembro, 20, 1973
- V TIMOR Dili, Timor, Setembro, 20, 1973
- 433.I BUCÓLICA BOBONARIANA I Bobonaro, Timor, Novembro, 23, 1973
450. O TECTO DO MUNDO Dili, Timor, Dezembro, 3, 1974
- 434 A LEPRO Dili, Timor, Dezembro, 3, 1974
- 475 NASCEM OS DIAS Porto, Julho, 10, 1976
- 433.II BUCÓLICA BOBONARIANA II Bobonaro, Timor, Novembro, 23, 1973
- 485 E A VIDA CONTINUA Macau, Agosto, 3, 1977
- 486 TAI PAN Macau, Outubro, 15, 1977
- 484 TUFÃO Macau, Junho, 27, 1977
- 487 A GRANDE MURALHA DA CHINA Macau, Novembro, 1977-10 Dezembro 1980
- 451 PORQUE JOVENS Bali, Dezembro, 3, 1974
440. POEMATO Dili, Timor, Abril, 1974 - Outubro, 1974
- 443 P:S: Dili, Timor, Junho, 16, 1974
- 489 OS GRANDES ACTOS HERÓICOS Macau, Dezembro, 18, 1977
- 456 CARTA A UM HOMEM SÓ Porto, Novembro, 5, 1975
- 452 OCIOSIDADE Porto, Novembro, 6, 1975
- 495 COLONOS DO MITO Macau, 27 Fevereiro, 1981
- 451 DEDICATÓRIA Bali - Dili, Janeiro - Março, 1975